
Narrativas de si nas redes: uma análise da autorrepresentação de atletas paralímpicas no Instagram¹

Tatiane Hilgemberg²
Universidade Federal de Roraima – UFRR

Resumo

Buscando entender as nuances e complexidades da autorrepresentação e levando em conta que as mídias sociais são importantes locais para a construção da identidade individual, nesse estudo iremos analisar de que forma quatro atletas paralímpicas brasileiras acionaram ferramentas, características, discursos e narrativas de gênero, deficiência e esportividade em seus perfis no Instagram. Focando no conteúdo postado durante 2024, e utilizando a análise de conteúdo qualitativa concluímos que as atletas se autorrepresentaram levando em conta o que acham que sua audiência espera, pautadas principalmente pelo algoritmo do Instagram. Mas também apresentaram partes de suas identidades que valorizam e essa valorização é impactada pelo tipo de deficiência, idade, classe social, sexualidade, raça, etc.

Palavra-chave: Mídias Sociais; Atletas Paralímpicas; Deficiência; Esporte; Feminilidade.

Introdução

Wendell (1996) afirma que a sociedade é patriarcal e capacitista, uma vez que é construída não só como se todos pudessem andar, ver e ouvir, mas como se todos tivessem o mesmo corpo que não menstrua e não amamenta, e que é jovem, saudável e forte. Apesar de Wendell estar se referindo à arquitetura urbana, podemos estender esse pensamento para a arquitetura social. Nesse sentido as mulheres com deficiência no esporte enfrentam essa dupla marginalização de forma ainda mais veemente: por serem mulheres em um ambiente historicamente dominado por homens e por serem pessoas com deficiência em uma sociedade capacitista. E frequentemente enfrentam estereótipos que questionam sua capacidade atlética e posição enquanto mulher.

No entanto, a mulher com deficiência também pode atribuir seu próprio significado em relação à sua deficiência, seu gênero, e sua capacidade atlética. Buscando entender essas nuances e complexidades da autorrepresentação e levando em conta que as mídias sociais são importantes locais para a construção da identidade individual promovendo espaços para que os usuários possam esconder ou revelar elementos de suas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: tatianehilgemberg@gmail.com.

identidades, nesse estudo iremos analisar de que forma quatro atletas paralímpicas brasileiras acionaram ferramentas, características, discursos e narrativas de gênero, deficiência e esportividade em seus perfis no Instagram.

Gênero e Deficiência no Esporte

Não há muitos trabalhos que versem sobre a representação de gênero e corpo com deficiência no esporte, mas sabemos que nesse campo o olhar masculino também é o hegemônico. A midiatização das pessoas com deficiência ainda está baseada em estereótipos oriundos das representações sociais prevaletentes entre o público em geral e o corpo dos atletas com deficiência é visto como um corpo limitado e incapacitado. E alguns estudos (Hilgemberg, 2023; Buysse; Borchering, 2010) mostram que as atletas com deficiência são enquadradas de forma assexual através do processo de infantilização e trivialização com representação de dependência passiva e infantil e falta de autonomia.

Quando o olhar se volta para autorrepresentação dessas atletas em seus perfis de mídias sociais percebe-se a reprodução dessas políticas de gênero, uma vez que essas plataformas tendem a recompensar aquelas que assim se apresentam. Mitchell, Santarossa e Wyk (2021) analisaram os posts no perfil do Instagram de seis atletas paralímpicos dos Estados Unidos e Canadá e apontam que eles geralmente adaptam sua autorrepresentação às normas a fim de melhorar sua comercialização. Alguns estudos que focam nas autorrepresentações das atletas com deficiência (Toffoletti, 2018; Raun; Christensen-Strynø, 2021) apontam que a deficiência é gerida através da intensificação de normas, a fim de se aproximarem dos padrões de beleza.

Sandra Bartky (1988) avalia a mídia pós-feminista e a cultura popular a partir das noções foucaultianas de poder e disciplina e afirma que a feminilidade normativa está se tornando cada vez mais centrada no corpo da mulher. Deixando de estar focada em deveres, reponsabilidades e obrigações, como cuidar do lar e ser capaz de gerar filhos, e passa a girar em torno de sua sexualidade, ou mais especificamente, sua presumida heterossexualidade e sua aparência. Rosalind Gill (2007), vai no mesmo sentido ao observar que a feminilidade deixa de ser associada a características psicológicas e comportamentais, como passividade e recato ou habilidades domésticas e maternas, e passa a estar localizada nas propriedades corporais da mulher, como magreza, seios fartos e curvas. Assim considera-se que as imperfeições físicas e um corpo que não se conforma com esses novos padrões e normas, “estraga” a mulher, mais do que ao homem, numa cultura onde a aparência física é uma grande componente do valor feminino.

A prática de esportes por mulheres deficientes gera, portanto, dinâmicas complexas. Hargreaves (2000) argumenta que se homens com deficiência tentam compensar o capital físico perdido com esportes, as mulheres com deficiência são afetadas por “estereótipos mercantilizados de feminilidade” que não tornam, na mesma medida, o corpo esportivo feminino um capital físico. Assim percebemos que a deficiência e o esporte são dois elementos que podem “minar” as feminilidades.

Metodologia

O *corpus* dessa pesquisa é composto pelos perfis do Instagram de quatro atletas paralímpicas brasileiras, duas com maior número de seguidores nessa plataforma – Debora Menezes que compete no parataekwondo, classe K44 (nesse caso: lutadora com amputação unilateral do cotovelo até a articulação da mão) que foi convocada para disputar as Paralimpíadas de Paris/2024, porém terminou a competição sem medalha, e Silvânia Costa que compete na modalidade salto em distância (atletismo) categoria T11 (cegos) e que não competiu nos Jogos de Paris, segundo a atleta por conta de lesão – e duas reconhecidas pela mídia tradicional – Verônica Hipólito, corredora da classe T37 (transtorno dos movimentos) que conseguiu o índice e conquistou o bronze nos 100m; e Camille Rodrigues nadadora da classe S9 (restrições nos membros inferiores) que não atingiu o índice paralímpico e não competiu nos Jogos de 2024.

Foram coletadas todas as publicações realizadas pelas quatro atletas (stories, reels e postagens no feed) durante a primeira semana de janeiro, a segunda de fevereiro, a terceira de março, a quarta de abril, assim sucessivamente até a primeira semana de setembro quando se encerraram os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, buscando aleatoriedade na amostra. Essa coleta gerou 1551 conteúdos. Para esse artigo excluímos as repostagens (conteúdo produzido por outra pessoa e replicado pela atleta), as postagens em colaboração (quando dois perfis postam o mesmo conteúdo simultaneamente) e as publicações repetidas (por exemplo, um mesmo conteúdo postado no stories e no feed). Assim nosso *corpus* passou a ser composto 742 conteúdos.

A partir da análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977), buscamos entender as maneiras através das quais as quatro atletas paralímpicas brasileiras acionaram gênero, deficiência e esportividade em suas autorrepresentações audiovisuais (fotos e vídeos) excluindo, portanto, possíveis elementos textuais e legendas.

Análise de resultados

Segundo Darling (2013) cada indivíduo decide qual papel deve desempenhar, a partir da série de definições sobre si mesmos que recebem e constroem durante a vida, definindo cada situação dada para escolher o papel mais apropriado para desempenhar. A autora afirma que a conexão dessas múltiplas identidades pode resultar na saliência ou apagamento de uma delas, como por exemplo gays ou lésbicas que adquiriram deficiência podem se identificar primeiro como gays e lésbicas, enquanto pessoas desse grupo com deficiência congênita podem se associar mais fortemente com a deficiência; as identidades também podem agir em conflito; ou em combinação, com interações complexas. Essa última forma foi a identificada em nosso estudo.

Esportividade

As narrativas, ferramentas, características e discursos mais acionados pelas atletas analisadas em nossa pesquisa relacionavam-se a sua identidade atlética. Todas as atletas buscavam índice para competir em Paris/2024 e reforçaram sua presença no campo esportivo e de reabilitação. Em geral, todas produziram conteúdos em locais que remetiam ao esporte como piscinas, pistas de atletismo, tatames, academias e complexos esportivos, e com frequência postaram fotos e vídeos de seus treinamentos, ou do processo de recuperação como fisioterapia, massagem e o uso de gelo. Ao associar-se ao treinamento e recuperação, fortalecendo suas identidades como atletas de elite, as esportistas analisadas nessa pesquisa tentam capitalizar sua posição de destaque e reconhecimento, usando o Instagram para refutar suposições de que indivíduos com deficiência são fracos e inferiores, promovendo-se como aquelas que buscam poder e desempenho, a fim de mudar as percepções e atitudes sobre as capacidades desses indivíduos.

Elas também apresentam diversas referências a competições, em especial Verônica e Debora que participaram dos Jogos de Paris/2024, apresentando conteúdos em que comemoram bons resultados, recebem e posam com medalhas, e associam-se a elementos das Paralimpíadas como a mascote, credencial e Agitos³. Esse resultado é semelhante aos da pesquisa conduzida por Toffoletti (2018) entre atletas paralímpicas australianas. Elas postaram conteúdo progressivo apresentando-se como sujeitos esportivos autônomos e ativos. As imagens postadas foram uma mistura de fotos

³ Símbolo utilizado pelo Comitê Paralímpico Internacional para promover os Jogos. É análogo aos anéis olímpicos.

esportivas ativas (correndo, nadando, etc.) e poses atléticas estáticas (segurando equipamentos ou medalhas, sorrindo para a câmera).

Ser uma atleta de alto nível requer habilidades físicas, psicológicas, técnicas e táticas. Então para reforçar ainda mais suas presenças na arena esportiva de alto nível as atletas fazem referências às características que as colocam nesse lugar. Em diversas postagens elas falam da importância da disciplina e da persistência, narram os sacrifícios empreendidos por elas para alcançar seus objetivos, mostram como superam as dores e narram suas conquistas. Além disso as atletas também se utilizam das vestimentas, como roupas de academia, uniforme da seleção, maiô e kimono, e diversos acessórios como mala com as cores do Brasil para reforçar suas identidades esportivas.

A Pessoa com Deficiência

Aqui é importante pontuar a diferença entre as atletas, que pode impactar na invisibilidade ou nas diferentes formas de visibilidade de suas deficiências. Verônica Hipólito é uma atleta de 28 anos, com dificuldade de movimentos do lado direito (sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) no início de 2013, o que torna sua deficiência pouco visível; Debora Menezes, lutadora de 35 anos, tem uma má-formação abaixo do cotovelo direito, ou seja, sua deficiência é visível; Silvânia Costa, tem 37 anos, e possui uma enfermidade chamada Doença de Stargardt, que causa a perda gradativa da visão tornando sua deficiência invisível (não há marcador corporal); e Camille Rodrigues, atleta de 32 anos, tem uma má formação congênita na perna direita e usa prótese, o que torna sua deficiência identificável.

Debora não esconde ou tenta disfarçar sua deficiência e faz referência ao membro com má-formação chamando-o carinhosamente de “cotoquinho”. Camille, outra atleta com má-formação também não esconde sua deficiência, no entanto diferente de Debora a nadadora usa prótese, que é estilizada com desenhos coloridos. Além disso, percebemos que em algumas fotos Camille tende a posar com as pernas cruzadas estando a prótese em segundo plano, no entanto, entendemos que essa é uma forma não de esconder ou disfarçar a deficiência, mas de colocar em foco a perna torneada.

Como afirmamos anteriormente cada atleta é um ser único com experiências próprias que podem impactar na forma com que se identificam e se autorrepresentam em suas plataformas digitais. Camille e Debora, por exemplo, são atletas com deficiência congênita, assim, conforme verificado por Pepper e Willick (2009), atletas com amputações congênitas tendem a ter uma imagem corporal e autoidentificação mais

positiva do que pessoas que adquiriram ou desenvolveram a deficiência ao longo da vida. No entanto, apesar desse ter sido o caso de Verônica e Silvânia, elas apresentam deficiência invisível ou sem marcas corporais, o que não nos permite concluir se há invisibilização proposital.

Wendell (1996) afirma que a pessoa com uma deficiência (ou doença) que não é facilmente aparente, é que é bem-sucedida, com posição social de prestígio e poder, que é criativa e produtiva, ou como nesse caso, com bons resultados no campo esportivo, viola quase todos os estereótipos sobre pessoas com deficiência. Algumas pessoas com deficiência a fim de evitar a estigmatização preferem disfarçar ou esconder sua deficiência, como o uso de óculos escuros por cegos, ou calça comprida por amputados de membros inferiores (Darling, 2013).

O Ser Mulher

As mulheres com deficiência sofrem assim opressões simultâneas de gênero e corponormatividade, e quando inseridas no contexto esportivo essas opressões ficam ainda mais latente. Em pesquisa realizada no âmbito do paradesporto Pullen, Mora e Silk (2023) afirmam que as atletas paralímpicas apresentam imagens feminilizadas de seus corpos. De acordo com Toffoletti (2018) a noção de empoderamento feminino como uma aspiração e expectativa da feminilidade contemporânea é fundamental para que as paratletas consigam legitimidade em sua presença online. No entanto a forma com que as atletas mobilizam essas representações e características corporais muda de acordo com a idade, deficiência, modalidade e sexualidade. Assim percebemos em nosso estudo diferenças nas formas com que as atletas representam seus gêneros.

Verônica Hipólito a mais jovem entre as atletas analisadas e com deficiência invisível usou de características que a aproximam da feminilidade hegemônica como vestimenta (tops e shorts) e em muitas fotos fazia poses consideradas femininas, como mãos na cintura e quadris inclinados para o lado. Além disso também identificamos narrativas de feminilidade normativa como em um vídeo em que ao olhar sua imagem na câmera reclama que o cabelo está bagunçado e ninguém a avisou, ou em uma postagem em que desabafa sobre como o peso corporal lhe incomodava no passado e a tristeza que sentia ao olhar no espelho. Essas características e discursos mostram que a vaidade é importante para a atleta.

No entanto também encontramos em suas postagens características que se opõem à ideia de feminilidade como a ausência de maquiagem ou filtros do Instagram (que visam

melhorar a imagem), e a resistência às narrativas de feminilidade apropriada a partir de discursos de autonomia e independência. Ou seja, Verônica apresenta certa contradição em sua representação de gênero, o que nos leva a crer, a partir da análise em conjunto com sua identidade esportiva e da deficiência, é que é dado maior foco ao ser atleta, que permeia todas as outras identidades, sendo em sua plataforma do Instagram a mais importante.

Debora Menezes, que é abertamente lésbica, em geral utiliza-se de características e ferramentas que são associadas à masculinidade como o uso de blusas largas e bermudas, em suas postagens ela não aparece usando maquiagem, seu cabelo é curto com corte considerado masculino, e quando posa para a câmera ela está com os braços cruzados atrás do corpo, ou faz cara de mau, ou faz gestos com as mãos como rock n'roll e força (com punhos fechados na direção da câmera). No entanto, a atleta faz uso de filtro em quase todas as suas postagens, em diversas fotos e vídeos aparece usando acessórios como brincos e cordões, em imagens mais próximas ao rosto é possível perceber que suas sobrancelhas estão arrumadas e em um dos conteúdos ela aparece com uma flor atrás da orelha.

Pode-se concluir que as práticas como usar maquiagem, o uso de acessórios e filtros do Instagram, e preocupação com a moda não são necessariamente atos de conformidade, mas podem ser atos estratégicos de negociação de poder entre gêneros ou até mesmo representar subversão de regras tradicionais de feminilidade, como lésbicas usando maquiagem. O que se pode perceber da autorrepresentação da atleta no Instagram é que sua identidade esportiva, assim como a de Verônica, também foi mais enfatizada. Outra hipótese que pode explicar o fato de tanto Verônica quanto Debora, terem focado em características e discursos relacionados ao esporte é o fato de ambas terem competido nos Jogos Paralímpicos de Paris em 2024.

As outras duas atletas de nosso *corpus*, Camille Rodrigues e Silvânia Costa, optaram por reforçar padrões de feminilidade, principalmente aqueles que se relacionavam ao corpo. Silvânia com frequência postou fotos de biquini ou com roupas justas, curtas e com decote. Camille também usou regularmente roupas reveladoras. Se no passado, uma foto de biquini ou com roupas reveladoras era considerada objetificação feminina, a partir de uma lógica pós-feminista neoliberal o uso da mesma foto pela própria mulher retratada, aponta uma escolha em se apresentar daquela forma, e também pode significar amor-próprio e a celebração de corpos diversos.

Ambas as atletas se utilizam de várias características da feminilidade normativa como o uso de acessórios, salto alto, maquiagem, filtros do Instagram, unhas pintadas e preocupação com o cabelo, que no caso de Camille é uma constante. Em nosso estudo as duas atletas que de forma mais direta focalizaram em seus corpos de forma sensual e sexual foram Silvânia, cuja deficiência não apresenta marcadores corporais, e Camille, que utiliza prótese estilizada. Atletas cujos corpos se aproximam dos ideais tradicionais de feminilidade apresentam seus corpos em forma e em poses sexys e poderosas. Assim, também percebemos que Camille e Silvânia são as atletas cujos corpos mais se aproximam do ideal de feminilidade no esporte, sendo firmes e torneados (Bordo, 1993). Embora essa feminilidade dê às atletas com deficiência formas de celebrar seus corpos em uma sociedade capacitista, percebemos que os corpos esportivos com deficiência que mais se aproximam dos ideais corporais normativos são aqueles com maior visibilidade. Ou seja, essas representações da feminilidade estão mais próximas do *mainstream* do que de desafiá-lo.

Nossos resultados indicam a feminilização das imagens postadas no Instagram por essas atletas, algumas de forma mais ostensiva que outras, o que era esperado uma vez que o Instagram recompensa aquelas que reproduzem estéticas generificadas. Se por um lado essas imagens transmitem a ideia de que corpos com deficiência podem ser bonitos, sexys e elegantes, por outro apontam que esses corpos representam a performance da heteronormativa fingida (*passing*). Esse corpo é representado como aquele que pode fazer tudo o que os corpos sem deficiência podem fazer e tendem a se assemelhar também a representações estéticas desses últimos.

Considerações finais

Produzir uma identidade digital é tanto uma prática empoderadora quanto uma “prática disciplinar”, por meio da qual a feminilidade normativa é regulada por classe, sexualidade e aparência física. Como Kanai (2015) nos lembra, o “controle” sobre a própria imagem não é simplesmente um poder que as mulheres jovens podem exercer por meio da mídia algorítmica. Em vez disso, é precisamente o imperativo social e cultural de produzir e “controlar” imagens que funciona como uma forma-chave de vigilância e disciplina operacionalizada em culturas digitais neoliberais e pós-feministas.

Nosso estudo concluiu que as atletas se autorrepresentaram levando em conta o que acham que sua audiência espera, pautadas principalmente pelo algoritmo do Instagram. Mas também apresentaram partes de suas identidades que valorizam e essa

valorização é impactada pelo tipo de deficiência, idade, classe social, sexualidade, raça, etc. Verônica Hipólito, por exemplo, foi a atleta com menor quantidade de posts e stories publicados no período analisado, seus conteúdos foram permeados pela identidade de gênero e de pessoa com deficiência, mas foi dada maior importância para sua identidade enquanto atleta. O mesmo percebemos na representação de Debora Menezes, apesar de alguns conteúdos estarem relacionados à vida pessoal da atleta, com fotos com a namorada, e vídeos com amigos e animais de estimação em que o gênero e a deficiência estavam presentes, houve um esforço para que a atleta Debora fosse a personagem principal de seu perfil do Instagram. Já Camille Rodrigues, assim como Silvânia Costa, dão prioridade às suas identidades de gênero, que se inter cruzam com as outras duas.

Referências

BARTKY, S. L. **Femininity and Domination**: Studies in the Phenomenology of Oppression. New York: Routledge, 1990.

BORDO, S. **Unbearable Weight**: Feminism, Western Culture, and the Body. Berkeley: University of California Press, 1993.

BUYSSE, Jo Ann M.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sports Communication**, v. 3, 2010, p. 308-321.

DARLING, R. B. **Disability and identity**: negotiating self in a changing society Boulder, Colorado: Lynne Rienne Publishers, 2013.

GILL, R. **Gender and the Media**. Cambridge & Malden: Polity Press, 2007.

HARGREAVES, J. **Heroines of sport**: The politics of difference and identity. London: Routledge, 2000

HILGEMBERG, Tatiane. O Corpo com Deficiência nas Mídias Sociais: A autorrepresentação da atleta paralímpica Camille Rodrigues no Instagram. **Revista Mundaú**, n. 13, 2023, p. 87-105.

KANAI, A. Thinking beyond the Internet as a tool: Girls' online spaces as postfeminist structures of surveillance. In J. Bailey; V. Steeves (Eds.), **eGirls, eCitizens**. Ottawa, Ontario, Canada: University of Ottawa Press, 2015, p. 83–108.

MITCHELL, F. R.; WYK, P. M. V.; SANTAROSSA, S. Curating a Culture: The Portrayal of Disability Stereotypes by Paralympians on Instagram. **International Journal of Sport Communication**, 2021, 14, p. 334–355.

PULLEN, E.; MORA, L.; SILK, M. Paralympic cripvertising: On the gendered self representations of Paralympic athletes on social media. **New media & society**, n. 0, v. 0, 2023, p. 1–18.

RAUN, T., CHRISTENSEN-STRYNØ, M.B. “We belong to something beautiful”: Julie Vu’s and Madeline Stuart’s use of minority identity as a popular feminist self-branding strategy on Instagram. **Information, Communication & Society**, n. 25, v.12, 2021, p. 1790–1807.

TOFFOLETTI, K Sport, postfeminism and women with disabilities: female paralympians on social media. In: Toffoletti K, Francombe-Webb J and Thorpe H (eds), **New Sporting Femininities**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018, p. 253–275.

WENDELL, Susan. **The Reject Body**: feminist philosophical reflections on disability. Nova York e Oxon: Routledge: 1996.